O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 44 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8312112

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

PEDAGOGIA DA "ESCUTA", DA "ESPERANÇA" E DA "RESPONSABILIDADE" COM O OUTRO: CONTRIBUIÇÕES DE EMMANUEL LÉVINAS E PAULO FREIRE

Fernando de Almeida Silva[1]

Cristiane de Magalhães Porto[2]

Resumo

O presente ensaio científico tem como tema a pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade com o outro a partir das contribuições de Emmanuel Lévinas (1906-1995) e Paulo Freire (1921-1997); seu objetivo é apresentar a pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade como condição do fazer pedagógico que leve à ética da alteridade e, consequentemente, a uma educação humanizadora. Trata-se de um estudo qualitativo de natureza teórico-bibliográfico (método) nas principais obras dos autores escolhidos e em publicações de seus comentadores, disponíveis nos repositórios acadêmicos e nas plataformas digitais; uma estratégia de aproximação entre a filosofia de Lévinas e a pedagogia crítico-social de Freire. Os resultados indicam relações intersubjetivas plasmadas na alteridade e no diálogo, destacando a responsabilidade e o cuidado com o outro na educação. Em tese, pode-se concluir que a tríade 'escuta/esperança/responsabilidade' é condição ético-crítica para as relações intersubjetivas presentes nos processos e práticas educativas, um acontecimento ético fundamental para uma educação mais humana, justa e solidária.

Palavras-chave: Emmanuel Lévinas; Ética da Alteridade; Paulo Freire; Pedagogia Crítico-Social.

Abstract

This scientific essay has as its theme the pedagogy of listening, hope and responsibility towards the other based on the contributions of Emmanuel Lévinas (1906-1995) and Paulo Freire (1921-1997); its objective is to present the pedagogy of listening, hope and responsibility as a condition of pedagogical action that leads to the ethics of otherness and, consequently, to a humanizing education. This is a qualitative study of a theoretical-bibliographic nature (method) in the main works of the chosen authors and in publications of their commentators, available in academic repositories and digital platforms; a strategy of rapprochement between Lévinas's philosophy and Freire's critical-social pedagogy. The results indicate intersubjective relationships shaped in alterity and dialogue, highlighting responsibility and care for the other in education. In theory, it can be concluded that the triad 'listening/hope/responsibility' is an ethical-critical condition for the intersubjective relationships present in educational processes and practices, a fundamental ethical event for a more humane, fair and solidary education.

Keywords: Emmanuel Lévinas; Ethics of Alterity; Paulo Freire; Social-Critical Pedagogy.

INTRODUÇÃO

O ensaio tem como temática de discussão a pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade com o outro a partir das contribuições do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas e do ilustre patrono da educação brasileira Paulo Freire. Trata-se de um estudo qualitativo de natureza teórico-bibliográfico nas principais obras de Lévinas (Totalidade e Infinito; Humanismo do outro homem; Entre Nós: ensaios sobre a alteridade) e de Freire (Educação como prática da liberdade; Pedagogia do oprimido; Pedagogia da esperança; Pedagogia da autonomia). Seu objetivo é, justamente,

[1] Professor na Educação Básica. Doutorando em Educação pela Universidade Tiradentes (Unit). E-mail: fernando_leia@hotmail.com

[2] Professora da Universidade Tiradentes (Unit). Doutora em Cultura e Sociedade. E-mail: crismporto@gmail.com

apresentar a pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade como condição do fazer pedagógico que leve à ética da alteridade e, consequentemente, a uma educação humanizadora.

Estudos recentes têm evidenciado a necessidade de repensar e/ou refundar nosso processo civilizatório ocidental, que entre outras características, precariza as relações intersubjetivas a partir da capacidade de aquisição e consumo, impossibilitando elucidar o reconhecimento do ser humano na sociedade contemporânea. É nesta perspectiva que o ensaio busca apresentar práticas pedagógicas capazes de pensar o sentido da vida e do ser-no-mundo, destacando as categorias 'escuta', 'esperança' e 'responsabilidade' com o outro na educação.

Utopia necessária à promoção do gênero humano, a educação deve enfrentar e superar as tensões que tem caracterizado nossa civilização, ofertando as melhores condições para que os indivíduos ressignifiquem seus processos de ensino e aprendizagem. É preciso 'saber viver com o outro'; estabelecer relações intersubjetivas de encontro inter-humano e reconhecer a inexistência de um saber absoluto e/ou totalitário. Daí a relevância e atualidade do ensaio, pois busca apresentar práticas pedagógicas de natureza ética, a saber, que acolhem, cuidam e se responsabilizam pelo outro; neste caso, este não é mais um obstáculo a ser superado e, sim, o centro de toda práxis educativa.

Das inquietações advindas do 'esquecimento do outro' indicadas por Emmanuel Lévinas em sua filosofia da alteridade e da pedagogia crítico-social de Paulo Freire, será possível apresentar o recorte teórico de ambos os autores para fundamentar a possibilidade de uma educação que supere a redução e a coisificação das relações humanas.

O ensaio constitui, portanto, uma estratégia de aproximação entre a filosofia e a educação; entre a ética da alteridade e a pedagogia da esperança e da autonomia freireana; um encontro teórico de pensadores responsáveis pelo outro ser humano, que indicam alternativas para superar as aporias que afetam as relações intersubjetivas na sociedade hodierna (guerras, crises migratórias, negação e violação dos direitos humanos, entre outras). Seja na experiência do cativeiro e/ou exílio, onde a vida e a dignidade humana estão sob fortes ameaças, o texto reafirma a alteridade e o diálogo esperançoso como percurso para uma educação à altura do ser humano.

Quanto à estrutura da pesquisa, o ensaio está organizado conforme as seguintes seções: introdução, revisão de literatura, metodologia, análise e discussão, considerações finais e referências. Através da hermenêutica conceitual das categorias 'escuta', 'esperança' e 'responsabilidade' presentes nas obras de Emmanuel Lévinas e Paulo Freire, indicamos a possibilidade de uma educação humanizadora que sai de si rumo à diferença, ao estranho; que realiza o deslocamento do eu absoluto em direção ao outro; uma hospitalidade fundamentalmente responsável, libertadora e cuidadosa.

REVISÃO DE LITERATURA

A principal finalidade da educação é a promoção de uma pedagogia que desperte a consciência humana para além das disposições do ego (GASCÓN; HERRERO; MANZANO, 2023); ela deve exercer função privilegiada em todo o processo de desenvolvimento humano, indicando relações mais solidárias, de maior respeito às diferenças, de cooperação, justiça e paz (GUEDES, 2014); envolver "espaço que possa ser útil em contribuir para a formação de cidadãos conscientes, ativos e aptos para decidir e atuar na realidade [...], comprometidos com a própria vida e com o bem-estar de cada um diante da sociedade" (JESUS *et al*., 2020, p. 1). Segundo Gascón, Herrero e Manzano (2023), as práticas educativas têm se transformado em sistemas egocêntricos e/ou imaturos, perdendo de vista sua condição de sentido para o ser humano.

De acordo com Niamale e Azarate (2022), a vida humana é constantemente afetada por miséria de toda ordem (violência, ódio, injustiça, entre outras) que destroem valores e ideais que deveriam sustentar sua emancipação; defendem que "a educação tem papel importante na espacialidade da integração do desenvolvimento da consciência crítica e da produção de condições favoráveis à elevação dos indivíduos e das sociedades" (NIAMALE; AZARATE, 2022, p. 188).

"Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar" (BRANDÃO, 2002, p. 3). Sobre sua responsabilidade social como prática humanizadora, não se trata apenas do cumprimento de leis, mas sim de mudança de atitudes em relação à sua função na sociedade, fornecendo não apenas teorias para os alunos (NIAMALE; AZARATE, 2022).

O diálogo teórico entre Emmanuel Lévinas (1906-1995) e Paulo Freire (1921-1997), segundo Santos, Garcia e Silva (2022), é uma estratégia de responsabilidade, cuidado e respeito ao outro na educação:

> Os dois autores atores tecem, para além do texto e da reflexão, um mover-se, uma ação urgente em todos os meios em que o sujeito transita a fim de que ambos sejam guiados pela filosofia e pela educação, construindo-se uma urdidura, colocando em jogo, em cena, o ser/estar/agir, consciente de que é preciso o outro para ser "ser mais" e ser o outro de si mesmo (SANTOS; GARCIA; SILVA, 2022, p. 24).

Pergentino Pivatto (2019), considera Emmanuel Lévinas um daqueles pensadores que desperta admiração e respeito pela honestidade intelectual com que tratou as questões sensíveis que afligem a humanidade. Embora não tenha se dedicado à educação, discorre Pivatto (2019), sustenta a categoria da

alteridade (escuta e responsabilidade) como uma das condições para relações intersubjetivas de natureza ética.

Para Miguel Arroyo (2019), Paulo Freire além de ser um dos educadores mais lidos em todo mundo, desenvolve uma pedagogia que opta claramente pelos excluídos da terra, indicando uma educação libertadora. "Ser da esperança" (FREIRE, 2021c, p. 71), Freire é resistência frente à negação dos direitos de homens e mulheres submetidos à lógica perversa dos opressores (CARVALHO; BERLE, 2021).

Leonardo Boff, renomado teólogo contemporâneo, afirma que Paulo Freire deixou uma herança sagrada: "mais importante que saber é nunca perder a capacidade de aprender" (BOFF, 2022, p. 9). Freire é sinônimo de amorosidade, esperança e resistência, um educador presente no coração de cada cidadão latino-americano (KOHAN, 2021).

Aproximação teórica entre o filósofo franco-lituano e o patrono da educação brasileira:

> Autores e atores de uma história social, política e educacional, Freire e Lévinas, mesmo distantes, têm pensamentos que se aproximam e se complementam, permitindo-nos compreender que o sujeito de atuação e ação no mundo se dá com o outro, interlocutores que dialogam e promovem ação/reflexão para uma ação transformadora. Se para Lévinas a ética precisa do outro, e antes disso, da sensibilidade em ver o outro, isso não significa responsabilizar o outro, mas sentir-se responsável pelo outro. Nesse contexto, a práxis educativa, na ação do educar, em Paulo Freire, é, na maioria das vezes, corporificada, na sua ação diária e constante, o que ele chama de ética e diálogo, elementos que possibilitam um encontro com as diversidades (SANTOS; GARCIA; SILVA, 2022, p. 22).

"A educação sigila o desenvolvimento na senda do dom" (PIVATTO, 2019, p. 262). Espera-se, conforme Pivatto (2019), que seja uma possibilidade de reconhecimento do ser humano como dom dado a si mesmo e que o promova como bem. "É fundamental ter-se capacidade para ver o outro no seu processo e permitir-se aprender e apreender também no processo de aprendizagem com o outro [...], pensar na urgência do fazer, da participação e da pluralidade" (SANTOS; GARCIA; SILVA, 2022, p. 22).

ÉTICA DA ALTERIDADE EM EMMANUEL LÉVINAS

Ética da alteridade em Lévinas "torna-se polo de uma relação intersubjetiva fundada no diálogo aberto e no respeito incondicional à diferença do outro" (SOUZA, 2013, p. 231). No dicionário OXFORD (2023), a alteridade se refere à natureza ou condição do que é outro, alter; qualidade constituída pela diferença. Na obra 'Entre nós: ensaios sobre a alteridade', o filósofo descreve:

> Alteridade do outro homem, a alteridade de outrem, não terá para o eu, logo, um caráter de absoluto, no sentido etimológico deste termo, como se outrem não fosse somente, no sentido lógico e formal, outro (isto é, outro de uma autoridade logicamente ou mesmo transcendentalmente superável, prestando-se à síntese da unidade do "eu penso" kantiano), mas fosse outro de maneira irredutível, de uma alteridade e de uma separação refratárias a toda síntese, anteriores a toda unidade e onde a relação possível do eu com outrem, alteridade de estranho indesejável – em que a sociabilidade é independente de todo reconhecimento prévio e toda formação de totalidades? Relação ética! Projeto de uma cultura que precede a política e que, na proximidade que vai do eu ao próximo, que ela significa, não se reduz a uma deficiência qualquer, ou "privação" em relação à unidade do Uno. Relação com outrem, enquanto tal, e não relação com o outro já reduzido ao mesmo, ao "aparentado" ao meu (LÉVINAS, 2010, p. 211).

Equivocadamente, afirma Lévinas (2010), a alteridade tem se tornado sinônimo de empatia; para ele, é responsabilidade pelo outro homem na vida vivida, sem esperar nada em troca e sem preocupação com reciprocidade:

> E eis que surge, na vida vivida pelo humano – e é aí que, a falar com propriedade, o humano começa, pura eventualidade, mas desde logo eventualidade pura e santa – do devotar-se-ao-outro. Na economia geral do ser e de sua tensão sobre si, eis que surge uma preocupação pelo outro até o sacrifício, até a possibilidade de morrer por ele, uma responsabilidade por outrem. De modo diferente que ser! É essa ruptura da indiferença – indiferença que pode ser estatisticamente dominante – a possibilidade de um–para–o–outro, uma para o outro, que é o acontecimento ético (LÉVINAS, 2010, p. 18).

Na perspectiva levinaseana, afirma Santos, Garcia e Silva (2022, p. 16), o acontecimento ético é "o relacionamento face a face em que dois seres humanos, ao se encontrarem, impõem uma dimensão ética do respeito pela alteridade". Destaca-se, segundo Pivatto (2019), um movimento de abertura ao outro que pode ser percebido nas principais obras do filósofo da alteridade, a saber: *Totalité et Infini* (1961), *Humanisme de lautre homme* (1972), *Ethique et infini* (1982) e *Entre nous: Essais sur le penser-à-l´autre* (1991).

Para além do que pretendeu a modernidade, a humanidade assistiu no século XX a crueldade e violência do homem contra o outro homem, passando a respirar a fumaça dos fornos crematórios de Auschwitz (LÉVINAS, 2010). Em *Totalité et infini: essai sur l'extériorité* (LÉVINAS, 1990), Lévinas propõe Outrem como centro das discussões, capaz de levar à escatologia e à paz. Segundo Martins (2014), urge reconhecer a falência da razão moderna e de seus ideais, pois o homem não alcançou a plenitude de seu destino histórico e não atingiu a condição de super-homem.

O professor e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais, Renato Somberg Pfeffer (2015), afirma que a ética da alteridade de Lévinas é uma abordagem da transcendência sobre a imanência, uma filosofia que não está dissociada da vida concreta dos indivíduos e de suas relações intersubjetivas; nela existe "a possibilidade do um-para-o-outro, um para o outro, que é o acontecimento ético" (LÉVINAS, 2010, p. 18).

Escuta de Outrem

A escuta de Outrem (outro) constitui uma relação de abertura ao totalmente estranho (LÉVINAS, 1980); "relação com Outrem, enquanto tal, e não relação com o outro já reduzido ao mesmo..." (LÉVINAS, 2010, p. 212). Para Coutinho (2008, p. 92), "escutar o outro, significa respeitar a história do outro [...] que não pode ser dissolvida em uma narração que os tornam idênticos". A palavra de Outrem tem caráter ético-linguístico, nome próprio, corpo; uma linguagem que é responsabilidade, não discurso direto fruto da mesmice (RIBEIRO JÚNIOR, 2022).

"O Outro enquanto outro é Outrem. Requer-se a relação do discurso para o "deixar ser"; o "desvelamento" puro, onde ele se propõe como um tema..." (LÉVINAS, 1980, p. 58). Lévinas define a manifestação do Rosto de Outrem como linguagem, que conforme à sua altura, poderá ser designada ensino (LÉVINAS, 1980).

Ensino que vem de Outrem para Lévinas:

> A voz que vem de uma outra margem ensina a própria transcendência. O ensino significa todo o infinito da exterioridade, que não se produz primeiro para ensinar depois – o ensino é a sua própria produção. O ensinamento primeiro ensina essa mesma altura, que equivale à sua exterioridade, a ética [...]. O ensino não é uma espécie de um gênero chamado dominação, uma hegemonia que se joga no seio de uma totalidade, mas a presença do infinito que faz saltar o círculo fechado da totalidade (LÉVINAS, 1980, p. 153).

O rosto é irredutível, incalculável, imprevisível (CRAGNOLINI, 2008). "Buscamos por trás dos rostos que nos falam e aos quais nós falamos, a relojoaria das almas e suas molas microscópicas" (LÉVINAS, 2010, p. 45).

Segundo Santos, Garcia e Silva (2022, p. 17), "o evento da alteridade equivale, pois, ao evento da alteridade na entidade do rosto falante". A fala necessita de escuta da palavra na relação do face a face; nela, ouve-se a miséria do outro; não como representação de uma imagem e, sim, como convite à responsabilidade desinteressada (LÉVINAS, 1980).

"Ouvir o dizer não é a mesma coisa que ouvir o que está sendo dito, não é a mesma coisa que ouvir o conteúdo do dizer" (BLUM, 2014, p. 124). O dizer do outro deve ser acolhido sem representação, conservando a radicalidade relacional assimétrica entre os interlocutores (LÉVINAS, 1980).

Responsabilidade por Outrem

A ética da alteridade de Emmanuel Lévinas, conforme Pivatto (2019), é uma denúncia contra a ontologia ocidental que insiste em usar a razão para fins ideológicos, seduzindo e arrastando multidões à

ausência de sentido humano. Na epifania de Outrem, a visão do Rosto já é uma obrigação que exige do Mesmo responsabilidade (LÉVINAS, 1968).

Definição de responsabilidade na filosofia da alteridade de Lévinas:

> A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama amor, amor sem Eros, caridade, amor em que o momento ético domina o momento passional, amor sem concupiscência. Não gosto muito da palavra amor, que está gastada e alterada. Falemos duma assunção do destino de outrem. É isto a "visão" do Rosto, e se aplica ao primeiro que aparece (LÉVINAS, 2010, p. 130).

Fora do encontro intersubjetivo responsável, não há significado humano (MARTINS, 2014). Segundo Lévinas (2010), a responsabilidade é traduzida por amor, generosidade e socorro ao próximo; somos responsáveis por tudo em relação a todos. Para Ribeiro Júnior (2022), a responsabilidade levinaseana é expressão de acolhimento hospitaleiro do outro.

Responsabilidade com o outro na filosofia de Lévinas compõe a subjetividade, mas não se trata de subjetividade de domínio ontológico (SANTOS; GARCIA; SILVA, 2022). Ela antecede a liberdade, pois antes de sermos livres, somos responsáveis pelo outro humano que se apresenta a nós (LÉVINAS, 1993); responsabilidade assimétrica, diferente de gratuidade e altruísmo (MARTINS, 2014).

De natureza ética, a responsabilidade não espera nada em troca; não inicia no eu cognoscente e não depende de fatos empíricos ou acontecimentos psicológicos para se efetivar (COUTINHO, 2008). Outrem é outro homem, em carne e osso, que evoca comprometimento e responsabilidade (LÉVINAS, 1993).

Lévinas (2010) defende que no encontro face a face existe a impossibilidade de abandonar o outro ou de deixá-lo sozinho, mesmo diante da morte; na relação com o outro humano, não importa quem ele é; antes de tudo, é aquele por quem sou responsável.

Segundo Souza (2018, p. 205), "o conceito de responsabilidade é um componente constitutivo do pensamento de Lévinas. Está presente nas principais obras, ocupando posição destacada nas exposições de temas ao longo de sua produção teórica".

Responsabilidade na perspectiva antropológica e ética:

> Do ponto de vista antropológico, coloca em questão a definição Ocidental de homem como animal racional, capaz de sintetizar a pluralidade do real na interioridade da consciência. Quanto à ética, manifesta a recusa de ser considerada como um tema, às vezes secundário, da tematização filosófica. Propõe que a vitalidade da razão seja direcionada na perspectiva da pergunta pelo sentido do humano e na consideração da ética como filosofia primeira (SOUZA, 2018, p. 205).

Com base na própria passividade/atividade, a responsabilidade pelo outro é uma completa receptividade, embora o outro continue sendo completamente outro, não uma representação do mesmo (SANTOS; GARCIA; SILVA, 2022). "É em nome da responsabilidade por Outrem, da misericórdia, da bondade às quais apela o rosto do outro homem que todo o discurso da justiça se põe em movimento" (LÉVINAS, 2010, p. 263); um-para-outro, que nos leva à "santidade, à proximidade, à sociabilidade e à paz" (LÉVINAS, 1990, p. 3).

Paulo Freire e a educação para a esperança

Paulo Freire, afirma Arroyo (2019), proporciona questionamentos que levam à radicalização do pensamento pedagógico, discutindo o lugar dos sujeitos no mundo e identificando as contradições socioeconômicas, políticas e culturais que geram exclusão e opressão; sobre a relevância e atualidade de seu pensamento, descreve:

> Seu pensamento é atual porque a opressão é atual. As violências de Estado são atuais e requintadas contra os mesmos coletivos: os trabalhadores e seus direitos; os jovens pobres, negros, periféricos e seus extermínios; os movimentos sociais por direito à terra, ao teto, ao trabalho, à renda, à saúde, à educação, por identidades de coletivos reprimidos, exterminados. São tempos de anulação política das formas de resistência de classe dos oprimidos. São tempos de jogar milhões ao desemprego, à ausência de direitos do trabalho, à falta de um futuro previdenciário; tempos de concentração da renda e da terra em mãos de poucos e de aumento da miséria, da pobreza, dos sem-renda, dos sem-terra, dos sem-teto, dos sem-trabalho. Tempos de aumento dos oprimidos, de radicalização das formas de opressão, tornam de extrema atualidade Paulo Freire [...] (ARROYO, 2019, p. 3).

Para Freire, "somente quem escuta pacientemente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele" (FREIRE, 2021c, p. 111). Escutando o educando, afirma Nita Freire (2009), abrimos a possibilidade para uma educação esperançosa e dialógica, operando a passagem da heteronomia para a autonomia dos sujeitos educativos. Conforme Alves, Oliveira e Melo (2022), toda ação pedagógica de matriz freireana é uma forma de intervir na sociedade, favorecendo ou não a emancipação humana e sua presença no mundo.

Estar-no-mundo, segundo Freire:

> Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem 'tratar' sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 2021c, p. 57).

Da condição ontológica à pedagogia da esperança

A esperança é "um condimento indispensável à experiência histórica" (FREIRE, 2021c, p. 71). De acordo com Freire (2021c), é predisposição ontológica presente na gênese humana, movimento constante de busca e transformação. Daí, "a precisão de uma certa educação da esperança" (FREIRE, 2022, p. 15). Não como sinônimo do verbo esperar e, sim, do verbo esperançar (NITA FREIRE, 2009).

Sobre a esperança, descreve Freire:

> Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti. Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens. Suarei meu corpo, que o sol queimará, minhas mãos ficarão calejadas, meus pés aprenderão o mistério dos caminhos, meus ouvidos ouvirão mais, meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti. Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de que fazer. Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavidos: É perigoso agir. É perigoso falar. É perigoso andar. É perigoso, esperar, na forma em que esperas, porque esses recusam a alegria de tua chegada. Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam. Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera (FREIRE, 2000, p. 6).

Esperançar é caminho para realizar sonhos inéditos e viáveis (FREIRE, 2021c). "Não quero dizer, porém, que, por que esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade..." (FREIRE, 2022, p. 14). Esperançar é ir em busca do viável para torná-lo inédito; é ir atrás, sem desistir e sem se conformar com a realidade dada como pronta e acabada; é possibilidade para transbordar, ir além da borda (CORTELLA, 2019).

Como utopia em condição de tornar-se realidade; a esperança é uma exigência para o ensino; o 'inédito viável' para superar as situações-limites impostas pelos dominadores e/ou opressores (FREIRE, 2021a). Conforme Holleben (2021), ela é essa impossibilidade de ficarmos parados, de braços cruzados, diante das ameaças à vida e à dignidade humana

Esperançar: exigência para o ensino

No coração da pedagogia está a esperança e, nela, a possibilidade de construir um futuro justo, ético, politicamente democrático e humanizador (BOFF, 2022). De acordo com Freire (2022), constitui exigência para o ensino porque deve estar fundada na liberdade e autonomia dos educandos para a boniteza da dodiscência.

Dodiscência esperançosa freireana:

> A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo se buscasse sem esperança (FREIRE, 2021c, p. 70).

A matriz da esperança corresponde à mesma da educação do ser humano, o seu inacabamento (FREIRE, 2021a). Inacabado, por isso mesmo esperançoso, o educando vai tomando consciência de sua presença histórica no mundo, afastando-se do fatalismo e do domínio das determinações opressoras (NITA FREIRE, 2009).

Educação esperançosa é problematizadora porque o ensino é projeto de vida de seres que caminham para frente, que olham para frente (FREIRE, 2021b). "Não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição de homens como seres históricos e à sua historicidade" (FREIRE, 2021b, p. 102).

Ensinar é uma forma de intervir no mundo; intervenção para mudar o mundo, para torná-lo menos feio, mais humano, mais justo e decente (FREIRE, 2000). Segundo Soave, Barbieri e Rosa (2018, p. 58), o ensino esperançoso é como uma dobradiça:

> O conceito de dobradiça é proposto aqui como o *entre lugar* em que a educação deve se dar, como sua finalidade, não o meio de conduzir daqui para lá, mas como fim, o entre lugar que dá a possibilidade do que fazer do sujeito. O sujeito que quer se fazer para ser mais.

"Na obra de Paulo Freire existe uma preocupação com o Outro, com os oprimidos do mundo" (SANTOS; GUARCIA; SILVA, 2022, p. 19). Segundo Santos, Guarcia e Silva (2022), Freire destaca a importância da cultura do outro, do pensar, do fazer, da troca de saberes, da boniteza do ensino para uma educação esperançosa.

PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa é um ensaio qualitativo teórico/bibliográfico sobre a pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade com o outro, a partir das contribuições de Emmanuel Lévinas e Paulo Freire. O estudo constitui uma aproximação teórica entre a filosofia da alteridade de Lévinas (1906-1995) e a epistemologia da educação de Freire (1921-1997).

O objetivo do ensaio é apresentar a pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade como condição do fazer pedagógico que leve à ética da alteridade e, consequentemente, a uma educação humanizadora. Destacam-se, desta forma, as principais obras selecionadas de Lévinas (Totalidade e

Infinito – 1980; Humanismo do outro homem – 1993; Entre Nós: ensaios sobre a alteridade – 2010) e de Freire (Educação como prática da liberdade – 1967; Pedagogia do oprimido – 1968; Pedagogia da esperança – 1992; Pedagogia da autonomia – 1996).

Além das obras dos autores selecionadas para o ensaio, realizou-se buscas nos repositórios acadêmicos e plataformas digitais de publicações sobre o tema do estudo, disponíveis em versão eletrônica, utilizando como critério de inclusão as seguintes palavras-chave: Emmanuel Lévinas; Ética da alteridade; Paulo Freire; Pedagogia da esperança. Das publicações encontradas, 19 foram selecionadas para compor o referencial teórico da pesquisa.

Os resultados foram analisados e discutidos teoricamente por meio da hermenêutica conceitual das categorias 'escuta', 'esperança' e 'responsabilidade' presentes na ética da alteridade de Emmanuel Lévinas e na pedagogia crítico-social de Paulo Freire. Destaca-se a tríade 'escuta/esperança/responsabilidade' como condição ético-crítica para as relações intersubjetivas nos processos e práticas educativas, fundamental para uma educação humanizadora.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A estratégia de aproximação teórica entre a filosofia da alteridade de Emmanuel Lévinas e a pedagogia crítico-social de Paulo Freire nasce da possibilidade de apresentar relações intersubjetivas de natureza ética para os processos e práticas educativas, em vista de uma educação mais humana, justa e solidária. Embora Lévinas não tenha se dedicado à educação, como foi destacado no ensaio, indica as categorias 'escuta' e 'responsabilidade' como o outro como exigência para a convivência ética em sociedade.

Educar para humanizar e humanizar-se para educar é legado de um projeto ético de educação para as novas gerações, estabelecendo práticas educativas responsáveis e cuidadosas. Em uma sociedade que não escuta o outro, muito menos se responsabiliza por ele, não há esperança; torna-se, portanto, imperativa a pedagogia da alteridade e do diálogo, condição de sentido para as relações intersubjetivas nas práticas educativas contemporâneas.

Gestada ontologicamente no ocidente, a pedagogia tradicional identificou a razão como subjetividade, onde o reconhecimento do outro foi precarizado. Sem vez e sem voz, homens e mulheres foram relegados à condição não-humana de objetos e/ou coisas. Nessa pedagogia do mesmo, o ensino foi desvinculado da realidade dos educandos e o saber do outro lançado ao anonimato.

Emmanuel Lévinas e Paulo Freire abre-nos o horizonte discursivo para a possibilidade de uma pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade. Alteridade nos processos e práticas educativas

é, portanto, escuta atenta e acolhedora do outro; é responsabilidade que se estende ao infinito, uma aventura de descoberta e crescimento humano. Dos saberes necessários à prática educativa, Freire nos mostra que a esperança é uma exigência para o ensino, justamente por nos levar a olhar para frente, não se conformar com as situações de injustiças e/ou opressão social.

O outro ser humano, tanto para o filósofo quanto para o educador, é condição para que o eu seja respeitado e se torne responsável por um mundo de convivência ética. Sujeitos éticos nos tornamos quando somos responsáveis por tudo em relação ao outro, exigência que ultrapassa princípios e jurisprudência das leis.

Na dodiscência, expressão utilizada por Freire para estabelecer o diálogo entre educador e educando, as práticas pedagógicas são mediadas pelo conhecimento e pela palavra do outro real, físico e existente. Trata-se de uma relação face a face de respeito à diversidade, sem negar a identidade e o contexto no qual os indivíduos estão inseridos.

Para que as práticas educativas se tornem emancipatórias e contemplem a ética da alteridade e do diálogo em seu fazer pedagógico, é preciso uma pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade com o outro. Em tese, uma educação humanizadora está sustentada na tríade ‘escuta/esperança/responsabilidade’.

Em todas as dimensões das relações intersubjetivas, a alteridade e o diálogo são fundamentais: ora como escuta responsável pelo outro, ora como abertura ao inédito e viável. Na perspectiva ética, urge educar para defesa da vida e da dignidade humana, construindo uma sociedade justa, plural e pacífica. A pedagogia da escuta, da esperança e da responsabilidade com o outro é uma proposta de educação capaz de operar a passagem do dever abstrato ao comprometimento real com a aprendizagem do educando, uma ação colaborativa entre aprendizes e ensinantes.

No ‘outro’ (pessoas marginalizadas e oprimidas, homens e mulheres vitimadas pela violência humana, sem vez e voz) se encontram Lévinas e Freire; desse encontro, surge a possibilidade de uma educação humanizadora pautada na escuta atenta, acolhedora e responsável do educando. Para além de discursos ingênuos, alteridade e diálogo são categorias que devem estar presentes nos processos e práticas educativas, indicando a passagem do campo teórico para o campo das vivências reais do sujeito ético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições de Emmanuel Lévinas e Paulo Freire para a educação são inegáveis, justamente, por indicarem relações intersubjetivas de natureza ética por meio da escuta, esperança e

responsabilidade com o outro. Se para Lévinas a alteridade é possibilidade para uma sociedade mais justa e solidária, portanto, mais humana, intuímos ser também necessária aos processos e práticas educativas na sociedade contemporânea.

Educação na pedagogia de Paulo Freire é prática esperançosa de liberdade e emancipação humana. Ora, não estaria Freire a indicar uma pedagogia da alteridade, ainda que não utilize esse conceito? Escuta e responsabilidade por Outrem na filosofia da alteridade levinaseana não seria uma prática social libertadora? Ambos os autores, cada um ao seu modo, não denunciaram certo tipo de egolatria presente nas relações inter-humanas?

A tríade escuta/esperança/responsabilidade com o outro, de fato, constitui percurso para processos e práticas educativas à altura do humano (busca da verdade e do bem comum, onde os sujeitos agem com sabedoria e responsabilidade); daí ser possível afirmar que onde não há escuta/esperança/responsabilidade, não há educação humanizadora.

Considerando as contribuições da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas e da epistemologia crítico-social de Paulo Freire, em cumprimento ao objetivo da pesquisa, apresentamos a pedagogia da escuta plasmada em relações intersubjetivas dialógicas entre educador e educando, onde o outro continua sendo totalmente outro (intersubjetividade assimétrica); da esperança, para saberes construídos de maneira inédita e viável; e da responsabilidade como prática social em defesa da vida e da dignidade de homens e mulheres, que antecede a nossa própria liberdade.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. C; OLIVEIRA, M. L. A. M.; MELO, S. P. A. L. "Uma reflexão sobre a importância da construção da autonomia no processo educativo". **Revista Educação Pública**, vol. 22, n. 30, 2022.

ARROYO, M. G. "Paulo Freire: outro paradigma pedagógico?". **Educação em Revista**, vol. 35, 2019.

BLUM, V. L. "A noção de alteridade radical e sua importância na docência". **Fractal: Revista de Psicologia**, vol. 26, n. 1, 2014.

BOFF, L. "Prefácio". *In*: FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

CARVALHO, M. C.; BERLE, S. "Ouvidos de ouvir crianças: escutar das crianças tudo o que ainda não sabemos". *In*: KOHAN, W. **Paulo Freire: um menino de 100 anos**. Rio de Janeiro: NEFI Edições, 2021.

CORTELLA, M. S. “O verbo esperançar”. **Portal Eletrônico de Mário Sérgio Cortella** [2019]. Disponível em: <www.mscortella.com.br>. Acesso em: 25/06/2023.

COUTINHO, A. M. F. **Educar depois de Lévinas**: para uma pedagogia do rosto (Dissertação de Mestrado em Educação). Recife: UFP, 2008.

CRAGNOLINI, M. “Uma filosofia da alteridade radical”. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 277, 2008.

FREIRE, N. “‘Contribuições de Paulo Freire para a pedagogia critica: educação emancipatória: a influência de Paulo Freire na cidadania global’” ou ‘a influência de Paulo Freire na educação para a autonomia e a libertação’: Teoría de la Educación”. **Educación y Cultura en la Sociedad de la Información**, vol. 10, n. 3, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021b.

GASCÓN, A. H.; HERRERO, P. R.; MANZANO, B. F. S. “De la pedagogía y la didáctica de la muerte a un nuevo paradigma educativo”. *In*: SENHORAS, E. M.; BARROS, M. P. (orgs.). **Pedagogia**: Agendas Temáticas. Boa Vista: Editora Iole, 2023.

GUEDES, E. C. “Por um novo humanismo na educação: um encontro entre Emmanuel Lévinas e Paulo Freire”. **Gestão e Aprendizagem**, vol. 3, n. 2, 2014.

HOLLEBEN, I. M. A. D. S. “Paulo Freire: 100 anos de história e esperança”. **Práxis Educativa**, vol. 16, 2021.

JESUS, R. C. A.; JESUS, I. C.; JESUS, L. C. A. “Os conceitos de competências de ensino no século XXI: transformação da educação contemporânea”. **Revista Educação Pública**, vol. 20, n. 8, 2020.

KOHAN, W. O. **Paulo Freire**: um menino de 100 anos. Rio de Janeiro: Editora NEFI, 2021.

LÉVINAS, E. **Totalité et infini**: essai sur l’extériorité. Paris: Le Livre de Poche, 1990.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

LÉVINAS, E. **Quatre Lectures Talmudiques**. Paris: Les Editions de Minuit, 1968.

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Editora Edições 70, 1980.

MARTINS, R. J. **Introdução a Lévinas**: pensar a ética no século XXI. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

NIAMALE, M. A.; AZARATE, L. I. "Responsabilidades sociais em instituições educativas". *In*: SENHORAS, E. M.; BARROS, M. P. (orgs.). **Educação**: Agendas Temáticas. Boa Vista: Editora Iole, 2022.

OXFORD. "Alteridade". **Oxford** [2023]. Disponível em: <www.oxfordlearnersdictionaries.com>. Acesso em: 05/06/2023.

PFEFFER, R. S. "Raízes judaicas do humanismo de Lévinas". **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, vol. 9, n. 16, 2015.

PIVATTO, P. "Pensar com Lévinas: Klinger Scoralick entrevista P. Pivatto". **Revista Ética e Filosofia Política**, vol. 1, n. 23, 2019.

RIBEIRO JÚNIOR, N. "Sabedoria do rosto e linguagem diacrítica da ética levinasiana". **Revista Ética e Filosofia Política**, vol. 1, n. 25, 2022.

SANTOS, B. H.; GARCIA, E. F. H.; SILVA, L. B. O. "Diálogo entre Freire e Lévinas como estratégia de responsabilidade e respeito ao outro na educação". **Temas e Matizes**, vol. 16, n. 27, 2022.

SOAVE, C.; BARBIERI S. C. R.; ROSA, G. A. "Cuidado do ser em Freire: Dimensão ontológica do ser mais na educação". **Revista do NESEF Filosofia e Ensino**, vol. 16, n. 27, 2018.

SOUZA, J. T. B. "Alteridade e Educação em Lévinas". **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, vol. 4, n. 1, 2013.

SOUZA, J. T. B. "O conceito de responsabilidade para além do ser em Lévinas". **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, vol. 9, n. 4, 2018.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 44| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima